

MARIANA CAMPOS
mari.vivabrasilia@gmail.com

Viva Brasília



MIGUEL JABOUR
miguel.vivabrasilia@gmail.com

Fotos: Mariana Campos/CB/D.A Press



O presidente da Fecomércio, José Aparecido Freire, o presidente da CNC, José Roberto Tadros, e o presidente do Correio Braziliense, Guilherme Machado

Diretoria reeleita

José Aparecido da Costa Freire, presidente do Sistema Fecomércio-DF, assumiu a 2ª vice-presidência da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) e recebeu uma homenagem durante a cerimônia de posse da diretoria, na última quinta-feira. Na solenidade, que deu início ao terceiro mandato consecutivo de José Roberto Tadros como presidente, a entidade também inaugurou, no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), o edifício que leva o nome de José Aparecido em reconhecimento à sua trajetória. Com cerca de 18 mil metros quadrados, o complexo abriga a Escola Nacional de Gastronomia, o Centro de Produção de Alimentos e a sede administrativa do Departamento Nacional do Senac na capital. Os laboratórios de gastronomia, confeitaria e panificação devem receber equipes do Senac de todo o país para atividades de capacitação.



Os senadores José Medeiros e Izalci Lucas



O diretor do Senac-DF, Vítor Corrêa, e Ennius Muniz



Eduardo Peres, Marcelo Barnes, Helder Monari, Julio Rodrigues e Marcos Vicelli



Natalia Vaz e Ana Aimee

Novo espaço, nova fase

O ParkShopping inaugurou a tão esperada 10ª expansão na manhã da última quarta-feira, com um brunch de abertura animado, com música ao vivo e distribuição de brindes, que apresentou a convidados, influenciadores e frequentadores do shopping um boulevard de dois pisos inspirado na flora do Cerrado. No mês em que completa 43 anos em Brasília, o centro comercial acrescenta quase 9 mil metros quadrados de área para 60 lojas em uma nova ala, que tem atraído brasilienses para visitação desde sua inauguração. A expansão e a nova fase do espaço trazem marcas inéditas na capital, como Hoka, LEGO, Bershka e Dolce Gabbana Beauty, e ainda amplia as opções de gastronomia. A cultura também ganhou espaço com a segunda unidade da Livraria da Travessa no DF, que recebeu a escritora Socorro Acioli para uma sessão de autógrafos na programação de abertura.



Kiko Caputo e Marcelo Martins



Marcos Leôncio, Alexandre Patury, Coronel Barcelos, Paulo Gonet, Mauro Oliveira e Coronel Murilo



Victor Peles, Fernanda Correa, Cecília Borges, Lucas Lima e Leticia Vieira

Divulgação/Rayra Paiva



Os embaixadores da Finlândia, Antti Kaski; da Áustria, Andreas Stadler; da Croácia, Ranko Vilovi; e da Geórgia, Zurab Mchedlishvili

Tradição e gastronomia georgiana

A Embaixada da Geórgia recebeu diplomatas, empresários e parceiros comerciais na última quinta-feira para celebrar o Dia da Cultura Georgiana. Parte da história do país há cerca de 8 mil anos, o vinho conduziu a temática da noite. Na ocasião, os convidados tiveram a oportunidade de degustar rótulos de uvas nativas, como Saperavi e Rkatsiteli, acompanhados de especialidades gastronômicas do país, além de conhecer as tradições georgianas de fermentação do vinho em *qvevri*, grandes recipientes de barro enterrados no solo. A programação incluiu exposições e palestras sobre a arte e a história da Geórgia e foi uma chance de apresentar a todos o lugar que o vinho ocupa nos ritos religiosos e nas celebrações do povo georgiano.

Confira mais fotos e eventos no blog Viva Brasília. Acesse: *newblogs.correiobraziliense.com.br/vivabrasilia*

»Entrevista | **MIRIAM LEITÃO** | JORNALISTA, ESCRITORA E IMORTAL DA ABL

Autora fala sobre o novo livro, os ataques às mulheres e a importância de resistir às ameaças aos direitos e à democracia

"A liberdade é frágil"

» VITÓRIA TORRES

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Assista à entrevista completa apontando para o QR Code

A escritora, jornalista e imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) Miriam Leitão foi a convidada do **Correio** Entrevista *de ontem, para falar sobre o lançamento de seu novo romance,* A dança de Elisa. *Às jornalistas Sibele Negromonte e Mariana Niederauer, ela contou que o livro narra a história de uma bailarina que convoca um encontro proibido entre mulheres para resistir à opressão, à vigilância e à desinformação. A autora também refletiu sobre literatura, processo criativo, feminismo e liberdade. Confira os principais trechos:*

Como foi a gestação de oito anos do livro?

Foi o segundo livro que mais demorei escrever. O fato de ter levado oito anos foi bom, para que tudo fosse decantado. Quando escrevo livros de não ficção, livros-reportagem, faço um plano, como a gente faz uma pauta. Elaboro uma pauta grande e vou seguindo, às vezes mudando. O bom jornalista percebe que a pauta mudou e muda a pauta. Mas um livro de ficção é inspiração. Quando ela chega, eu vou me deixando levar. É uma coisa que, como jornalista, eu comando; como ficcionista, eu me deixo levar.

Em 2018, quando você sofreu uma série de ataques nas redes sociais, a personagem Elisa recebeu um pouco de você?

Nós somos bem diferentes, porque ela é jovem, bonita e sabe dançar. Eu não sei nada disso. E é bom que ela seja assim, porque ela me ensina. E me ensinou muito nesse processo. Ela surgiu como bailarina mesmo, dançando diante de quem me agredia. Eu estava sob um ataque muito violento. Jornalistas mulheres são as mais atacadas. Não pode haver um erro ou inventam um erro para atacar. Em 2018, a gente ainda não tinha ideia de que era possível construir uma máquina do ódio. De repente, acordei e estava sendo odiada em todas as redes. Isso foi muito impactante. O ódio era concreto, não eram só críticas. Depois de três dias de linchamento, eu estava com uns amigos e, de repente, vi na minha imaginação um grupo chegando para linchar uma mulher. Ela, em vez de fugir ou ir conversar, dançou. Achei essa imagem tão poderosa que corri para casa e escrevi. Pensei que fosse o começo de um conto. O primeiro capítulo está exatamente como foi escrito naquele primeiro dia. Só acrescentei um pouquinho, coloquei a música que ela ouvia quando dançava. Essa foi uma construção minha com a minha irmã, que é pianista. Acho que precisava desse período de ir e voltar, dessa bordadura do livro, para ele decantar e não ser sobre mim. Apesar de eu ter sido empurrada para o livro por uma dor pessoal, ele é um filho da dor. Mas, ao mesmo tempo, é uma dor coletiva. A dor das redes de ódio que atacam mulheres, das redes virtuais e do mundo físico.

Houve um amadurecimento como escritora?

Eu sou aquela pessoa que sonhava com livros e tinha medo de não ser capaz de escrevê-los. Eu não seria uma pessoa completa se não tivesse escrito um livro. E aí vou de um para o outro, mas deixando cada um ter a sua personalidade. Nunca achei que faria um livro de ficção adulta. Ficção infantil eu já me permitia escrever desde o começo. Nesse momento de *A dança de Elisa*, estou olhando talvez para a minha mais antiga militância, a causa mais antiga que abracei. Entendi, aos 10 anos, que era feminista, sem ainda ter a palavra. Quando fui dizer para minha mãe: 'Não vou arrumar mais o quarto dos meninos. Por que tenho que arrumar o quarto dos meninos só porque sou menina?' Depois, aos 16, ao ler Simone de Beauvoir, entendi aquele desconforto que tinha com a diferença de tratamento. Mas nunca tinha escrito sobre mulheres. E, de repente, surge, de onde menos se espera, do meio de uma dor, uma ideia. Vem a Elisa, me dá a mão e me puxa para a causa que eu sempre quis defender.

Você acha que o livro chega em um momento fundamental?

Sempre houve traidores da causa. Sempre houve pessoas de um grupo discriminado que dizem que quem tem razão é o opressor. E hoje fazem isso até para ter visibilidade. As redes gostam do ódio e gostam do diferente, daqueles que falam coisas que não se espera. Chega um momento em que até pessoas que precisam do voto para chegar onde estão são contra o voto feminino. Nunca pensei, nem nos meus piores pesadelos, que alguém fosse discutir o voto feminino. O que falo nesse livro é que os direitos das mulheres são frágeis. Eles podem ser tomados, e começam, nesse livro, a ser tomados. Elisa é uma mulher, mas há várias outras. É um grupo de mulheres que começa a se reunir para encontrar uma saída, e até a reunião é um ato que desafia o sistema. E elas começam o livro em um ato de rebeldia: vão sair à noite para se encontrar. Isso já é muito atrevimento. A resistência a uma tirania, às vezes, está em pequenos gestos que parecem não ser nada. Escrever em um muro 'Abaixo a ditadura,' como eu fiz na juventude. Parece que não é nada, mas cada ato se soma a outro ato de rebeldia. As rebeldias somadas derrubam uma tirania.

Você acha que ainda é muito frágil o direito das mulheres?

É frágil, sempre será frágil. A democracia é o mais frágil dos sistemas: permite a discussão e que ingressem na disputa aqueles que querem o seu fim. A democracia é porosa. Ela tem que permitir. Não pode dizer: 'Você não pode competir, sai esse grupo daqui do debate.' Então, há um grupo que é contra a liberdade, contra a democracia e que fala, inclusive, em nome da democracia. Faço no livro uma reflexão sobre a imaterialidade da liberdade. Parece que, quando ela está presente, não é nada. Muitas vezes, você ouve gente dizendo que vivemos em uma ditadura. Não vivemos. Eu já vivi uma, sei como é. Comparo isso com o ar, porque, quando estamos respirando, não damos valor ao ar. Se alguém tirar o ar ou contaminá-lo, vamos sentir imediatamente. É isso que é a liberdade. Faço uma reflexão no livro de que a liberdade é como se fosse um objeto grande demais, tão perto de nós que não conseguimos vê-lo. Mas, se você perder, vai saber o que é liberdade, só que aí será tarde demais. Por isso, é preciso perceber os pequenos perigos, os atos contra a liberdade que parecem inofensivos, mas vão se somando para destruí-la.